Gaston Bachelard (1884-1962), filósofo, epistemólogo e crítico literário, nasceu em Bar-sur-Aube, na Champagne. Formou-se em matemática em 1912 e foi professor de física e química em liceus por dez anos. Durante esse período, converte-se à filosofia; ganha o título de *agregé* em 1922 e torna-se doutor em 1927. Foi professor de filosofia na Faculdade de Letras de Dijon e depois na Sorbonne (cadeira de história e filosofia das ciências). Foi também diretor do Instituto de História das Ciências e Técnicas .

Além deste livro, escreveu: *A água e os sonhos*, *O ar e os sonhos*, *A poética do devaneio*, *A poética do espaço*, *A psicanálise do fogo*, *A terra e os devaneios do repouso* (Martins Fontes) e *O novo espírito científico* (Tempo Brasileiro).

Gaston Bachelard

A Terra e os Devaneios da Vontade

Ensaio sobre a imaginação das forças

Tradução
MARIA ERMANTINA DE ALMEIDA PRADO GALVÃO

SÃO PAULO 2013

Título original: LA TERRE ET LES RÊVERIES DE LA VOLONTÉ.

1ª edição *1991*
4ª edição *2013*

Tradução
MARIA ERMANTINA DE ALMEIDA PRADO GALVÃO

Revisão da tradução
Paulo Neves
Revisões gráficas
Silvana Cobucci Leite
José Aparecido Cardoso
Produção gráfica
Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bachelard, Gaston, 1884-1962.
A terra e os devaneios da vontade : ensaio sobre a imaginação das forças / Gaston Bachelard ; tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. – 4ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013. – (Coleção biblioteca do pensamento moderno)

Título original: La terre et les rêveries de la volonté.
Bibliografia.
ISBN 978-85-7827-686-7

1. Imaginação 2. Matéria – Aspectos psicológicos 3. Psicanálise 4. Terra I. Título. II. Série.

13-03281 CDD-153.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Imaginação das forças : Psicologia 153.3

Editora WMF Martins Fontes Ltda.
Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325.030 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042
e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br

ÍNDICE

PREFÁCIO PARA DOIS LIVROS

A IMAGINAÇÃO MATERIAL E A IMAGINAÇÃO FALADA

Todo símbolo tem uma carne, todo sonho uma realidade.

O. MILOSZ, *L'amoureuse initiation*

I

Aqui está, em dois livros, a quarta obra que consagramos à imaginação da matéria, à imaginação dos quatro elementos materiais que a filosofia e as ciências antigas, seguidas pela alquimia, colocaram na base de todas as coisas. Nos livros anteriores, tentamos classificar e aprofundar, sucessivamente, as imagens do *fogo*, da *água*, do *ar*. Restava a tarefa de estudar as imagens da *terra*.

Essas imagens da matéria *terrestre* oferecem-se a nós em profusão num mundo de metal e de pedra, de madeira e de gomas; são estáveis e tranqüilas; temo-las sob os olhos; sentimo-las nas mãos, despertam em nós alegrias musculares assim que tomamos o gosto de trabalhá-las. Portanto, parece ser fácil a tarefa que nos resta fazer para ilustrar, através de imagens, a filosofia dos quatro elementos. Parece que podemos, passando das experiências positivas às experiências estéticas, mostrar com mil exemplos o interesse apaixonado do devaneio pelos *belos sólidos* que "posam" infinitamente diante de nossos olhos, pelas *belas matérias* que obedecem fielmente ao esforço criador de nossos dedos. E no entanto, com as imagens materializadas da imaginação "terrestre" começam, para as nossas teses da imaginação material e da imaginação dinâmica, dificuldades e paradoxos sem fim.

CAPÍTULO I

A DIALÉTICA DO ENERGETISMO IMAGINÁRIO. O MUNDO RESISTENTE

... A hostilidade
é-nos mais próxima do que tudo.
RILKE, *Elegias de Duíno*, IV

O trabalho manual é o estudo do mundo exterior.
EMERSON

I

A dialética do *duro* e do *mole* rege todas as imagens que nós fazemos da matéria íntima das coisas. Essa dialética *anima* — pois só tem seu verdadeiro sentido numa *animação* — todas as imagens mediante as quais participamos ativamente, ardentemente, da intimidade das substâncias. *Duro* e *mole* são os primeiros qualificativos recebidos pela *resistência* da matéria, a primeira *existência dinâmica do mundo resistente*. No conhecimento dinâmico da matéria — e correlativamente nos conhecimentos dos valores dinâmicos de nosso ser — nada fica claro se não colocamos de início os dois termos *duro* e *mole*. Vêm em seguida experiências mais ricas, mais sutis, um imenso campo de experiências intermediárias. Mas na ordem da matéria, o *sim* e o *não* se dizem *mole* e *duro*. Não há imagens da matéria sem essa dialética de convite e de exclusão, dialética que a imaginação *transporá* a inumeráveis metáforas, dialética que às vezes se inverterá sob a ação de curiosas ambivalências até definir,

por exemplo, uma hostilidade hipócrita da moleza ou um convite provocador da dureza. Mas as bases da imaginação material residem nas imagens primitivas da dureza e da moleza. Essas imagens são tão verdadeiramente elementares que sempre poderemos encontrá-las apesar de todas as transposições, a despeito de toda inversão, no fundo de todas as metáforas.

E se é verdade, como daremos muitas provas disso, que a *imaginação da resistência* que atribuímos às coisas confere a primeira coordenação às violências que a nossa vontade exerce *contra* as coisas, torna-se evidente que é no trabalho excitado de modos tão diferentes pelas matérias duras e pelas matérias moles que tomamos consciência de nossas próprias potências dinâmicas, de suas variedades, de suas contradições. Através do *duro* e do *mole* aprendemos a pluralidade dos devires, recebendo provas bem diferentes da eficácia do tempo. A dureza e a moleza das coisas nos conduzem — à força — a tipos de vidas dinâmicas bem diferentes. O mundo resistente nos impulsiona para fora do ser estático, para fora do ser. E começam os mistérios da energia. Somos desde então seres *despertos*. Com o martelo ou a colher de pedreiro na mão, já não estamos sozinhos, temos um adversário, temos algo a fazer. Por pouco que seja, temos, por isso, um destino cósmico. "O tijolo e a argamassa, diz Melville[1], encobrem segredos mais profundos que a floresta e a montanha, doce Isabel." Todos esses objetos *resistentes* trazem a marca das ambivalências da ajuda e do obstáculo. São seres por dominar. Dão-nos o ser de nossa perícia, o ser de nossa energia.

II

Os psicanalistas nos farão prontamente uma objeção: dirão que os verdadeiros adversários são *humanos*, que a criança encontra as primeiras *proibições* na família, e que em geral as *resistências* que maltratam o psiquismo são sociais. Mas restringir-se, como faz freqüentemente a psicanálise, à tradução humana dos símbolos, é esquecer toda uma esfera de exame — a autonomia do simbolismo — para a qual queremos precisamente chamar a atenção. Se no mundo dos símbolos a resistência é humana, no mundo da energia a

1. H. Melville, *Pierre*, trad. fr., p. 261.

resistência é material. A psicanálise, assim como a psicologia, não soube encontrar bons meios para avaliar as forças. Falta-lhe esse dinamômetro psíquico representado pelo trabalho efetivo da matéria. Ela está, como a psicologia descritiva, reduzida a uma espécie de topologia psíquica: determina níveis, camadas, associações, complexos, símbolos. É verdade que ela avalia, por seus resultados, as pulsões dominantes. Mas não preparou os meios de uma verdadeira *dinamologia psíquica*, de uma dinamologia detalhada que entre na individualidade das imagens. Noutras palavras, a psicanálise se contenta em definir as imagens por seu simbolismo. Mal é detectada uma imagem pulsional, mal é descoberta uma lembrança traumatizante, a psicanálise coloca o problema da interpretação *social*. Omite todo um campo de pesquisas: o próprio campo da imaginação. Ora, o psiquismo é animado por uma verdadeira *fome de imagens*. Ele quer imagens. Em suma, sob a imagem, a psicanálise busca a realidade; omite a investigação inversa: sobre a realidade buscar a positividade da imagem. É nessa investigação que detectamos essa energia de imagem que é a própria marca do psiquismo ativo.

Com muita freqüência o psicanalista considera que a fabulação oculta algo. É um disfarce. É portanto uma função secundária. Ora, assim que a mão toma parte da fabulação, assim que as energias reais estão envolvidas numa obra, assim que a imaginação atualiza suas imagens, o centro do ser perde a sua substância de infelicidade. A ação se torna no mesmo instante o nada da infelicidade. O problema que se coloca é então a manutenção de um estado dinâmico, o restabelecimento das vontades dinâmicas numa ritmanálise de ofensividade e de domínio. A imagem é sempre uma promoção do ser. Imaginação e excitação são ligadas. Por certo — infelizmente! — há excitações sem imagens, mas — mesmo assim — não há imagens sem excitação.

Tentemos, pois, caracterizar rapidamente, antes de desenvolver longamente o seu estudo, a imaginação da resistência, a substancialidade imaginária do *contra*.

III

Que seria uma resistência se não tivesse uma persistência, uma profundidade substancial, a profundidade mesma da matéria? Os

psicólogos podem muito bem repetir que a criança repentinamente enfurecida bate na mesa contra a qual acaba de se chocar[2]. Esse *gesto*, essa cólera efêmera, solta depressa demais a agressividade para que aí encontremos as verdadeiras imagens da imaginação agressiva. Veremos mais adiante os achados imaginários da cólera discursiva, da cólera que anima o trabalhador contra a matéria sempre rebelde, primitivamente rebelde. Mas, desde agora, deve-se compreender que a imaginação ativa não começa como uma simples reação, como um reflexo. A imaginação precisa de um animismo dialético, vivido ao encontrar no objeto respostas às violências intencionais, dando ao trabalhador a iniciativa da provocação. A imaginação material e dinâmica nos faz viver uma adversidade provocada, uma psicologia do *contra* que não se contenta com a pancada, com o choque, mas que se promete a dominação sobre a própria intimidade da matéria. Assim a dureza sonhada é uma dureza atacada incessantemente, e uma dureza que renova sem cessar as suas excitações. Considerar a dureza como um mero motivo de uma exclusão, em seu primeiro *não*, é sonhá-la em sua forma exterior, em sua forma intangível. Para um sonhador da dureza íntima, o granito é um tipo de provocação, sua dureza ofende, uma ofensa que não se vingará sem armas, sem ferramentas, sem os meios da astúcia humana. Não se trata o granito com uma cólera infantil. Será preciso estriá-lo ou poli-lo, nova dialética em que a dinamologia do *contra* encontrará a oportunidade de múltiplos matizes. Assim que devaneamos trabalhando, assim que vivemos um devaneio da vontade, o tempo assume uma *realidade material*. Há um *tempo do granito*, assim como na filosofia hegeliana da Natureza há um "pirocronos", um tempo do fogo. Esse tempo da dureza das pedras, esse *litocronos*, não pode se definir senão como o tempo ativo de um trabalho, um tempo que se dialetiza no esforço do trabalhador e na resistência da pedra; ele se manifesta como uma espécie de ritmo natural, de ritmo bem condicionado. E é por esse ritmo que o trabalho obtém ao mesmo tempo a sua eficácia objetiva e a sua tonicidade subjetiva. A temporalidade do *contra* recebe aqui eminentes inscrições. A *consciência do trabalho* aí se precisa simultaneamente nos músculos e nas articulações do trabalhador e nos progressos regulares da tarefa. Assim a luta do trabalho é a mais *cerrada* das lutas; a duração do gesto trabalhador é a mais plena das durações, aquela em que o impulso visa mais exatamente e mais concretamente seu alvo. Aquela também em que há o maior poder de integração. Ao ser que está trabalhando, o gesto do trabalho integra de algum modo o objeto resistente, a própria resistência da matéria. Uma matéria-duração é aqui uma emergência dinâmica acima de um espaço-tempo. E mais uma vez, nessa matéria-duração, o homem se realiza antes como devir do que como ser. Conhece uma promoção de ser.

2. Será verdadeiramente uma experiência tão natural? Quantos pais ensinam eles mesmos essa pueril vingança aos filhos!

O projeto acompanhado por uma jovem energia se fixa direto no objeto, agarra-se a ele, prende-se nele. Por isso o projeto em execução (o projeto material) tem, no fim de contas, uma estrutura temporal diferente daquela do projeto intelectual. O projeto intelectual, em geral, distingue-se demais da execução. É o projeto de um chefe que comanda executantes. Repete freqüentemente a dialética hegeliana do senhor e do escravo, sem se beneficiar da síntese que é o domínio do trabalho que se adquire no trabalho contra a matéria.

IV

Assim a matéria nos revela as nossas forças. Sugere uma colocação de nossas forças em categorias dinâmicas. Dá não só uma substância duradoura à nossa vontade, mas também esquemas temporais bem definidos à nossa paciência. De imediato, a matéria recebe de nossos sonhos todo um futuro de trabalho; queremos vencê-la trabalhando. Desfrutamos de antemão a eficácia de nossa vontade. Não se espantem, pois, de que sonhar imagens materiais — isso mesmo, simplesmente sonhá-las — é imediatamente *tonificar* a vontade. Impossível ficar distraído, ausente, indiferente, quando se sonha uma matéria resistente nitidamente designada. Não se poderia imaginar gratuitamente uma resistência. As matérias diversas, que se estendem entre os pólos dialéticos extremos do *duro* e do *mole*, designam numerosíssimos tipos de adversidades. Reciprocamente, todas as adversidades que se crêem profundamente humanas, com suas violências cínicas ou sorrateiras, com seu tumulto ou sua hipocrisia, vêm, nas ações contra as matérias inani-

madas particulares, encontrar seu realismo. Melhor que qualquer outro complemento, o complemento de matéria especifica a hostilidade. Por exemplo: bater como gesso* designa de pronto o ato de uma violência macilenta, sem coragem, pálida embriaguez pulverizada.

Ao estudar as imagens materiais, descobriremos — para falar como psicanalista — a *imago* de nossa energia. Em outras palavras, a matéria é nosso *espelho* energético; é um espelho que focaliza as nossas potências iluminando-as com alegrias imaginárias. E como num livro sobre as imagens sem dúvida é permitido abusar das imagens, diríamos de bom grado que o corpo duro que dispersa todos os golpes é o *espelho convexo* de nossa energia, ao passo que o corpo mole é o seu *espelho côncavo*. O certo é que os devaneios materiais mudam a dimensão de nossas potências; dão-nos as ilusões da onipotência. Essas ilusões são úteis, pois já são um encorajamento para atacar a matéria em seu âmago. Do ferreiro ao oleiro, sobre o ferro e na massa, mostraremos mais adiante a fecundidade dos sonhos do trabalho. Experimentando no trabalho de uma matéria essa curiosa condensação das imagens e das forças, viveremos a síntese da imaginação e da vontade. Esta síntese, que tão pouca atenção recebeu por parte dos filósofos, é contudo a primeira das sínteses a ser considerada numa dinamologia do psiquismo especificamente humano. Não se quer bem senão àquilo que se imagina ricamente.

De fato, é talvez em seu aspecto de energia imaginada que o dualismo filosófico do sujeito e do objeto se apresenta no mais franco equilíbrio. Noutras palavras: no reino da imaginação, pode-se dizer da mesma forma que a resistência real suscita devaneios dinâmicos ou que os devaneios dinâmicos vão despertar uma resistência adormecida nas profundezas da matéria. Novalis publicou em *Athenaeum* algumas páginas que esclarecem essa lei da igualdade de ação e reação transposta à lei da imaginação. Para Novalis, "em cada contato engendra-se uma substância, cujo efeito dura por todo o tempo que durar o toque". É o mesmo que dizer que a substância é dotada do ato de nos tocar. Ela nos toca assim como a tocamos, dura ou suavemente. Novalis continua: "Isso é o fundamento de todas as modificações sintéticas do indivíduo." Assim, para o idealismo mágico de Novalis, é o ser humano que desperta a matéria, é o contato da mão maravilhosa, o contato dotado de todos os sonhos do tato imaginante que dá vida às qualidades que estão adormecidas nas coisas. Mas não há necessidade alguma de dar a iniciativa ao imaginante como faz o idealismo mágico. Que importa realmente quem começa as lutas e os diálogos, quando essas lutas e esses diálogos encontram sua força e sua vivacidade em sua dialética *multiplicada*, em seu contínuo ricochetear. E nossa tarefa, muito mais simples, consistirá em mostrar a alegria das imagens que superam a realidade.

* No original, *battre comme plâtre*, expressão idiomática que significa "bater desalmadamente". Traduzimos literalmente para destacar o elemento material que está na origem da expressão. (N. T.)

Mas, evidentemente, a realidade material nos instrui. De tanto manejar matérias muito diversas e bem individualizadas, podemos adquirir tipos individualizados de flexibilidade e de decisão. Não só nos tornamos destros na feitura das formas, mas também nos tornamos *materialmente* hábeis ao agir no ponto de equilíbrio de nossa força e da resistência da matéria. *Matéria* e *Mão* devem estar unidas para formar o ponto essencial do *dualismo energético*, dualismo ativo que tem uma tonalidade bem diferente daquela do dualismo clássico do objeto e do sujeito, ambos enfraquecidos pela contemplação, um em sua inércia, outro em sua ociosidade.

De fato, a mão que trabalha põe o objeto numa ordem nova, na emergência de sua existência *dinamizada*. Nesse reino, tudo é aquisição, toda imagem é uma *aceleração*, ou seja, a imaginação é o "acelerador" do psiquismo. A imaginação vai, sistematicamente, depressa *demais*. Esta é uma característica bem banal, tão banal que esquecem de assinalá-la como essencial. Se considerássemos melhor essa franja móvel em torno da realidade e, correlativamente, essa superação do ser causada pela atividade imaginante, compreenderíamos que o psiquismo humano se especifica como uma força de acionamento. A simples existência é então como que recuada, é apenas uma inércia, um peso, um resíduo de passado, e a função positiva da imaginação equivale a dissipar essa soma de hábitos inertes, a acordar essa massa pesada, a abrir o ser para novos alimentos. A imaginação é um princípio de multiplicação dos atributos para a intimidade das substâncias. É também vontade de *ser mais*, de modo algum evasiva, mas pródiga, de modo algum contraditória, mas ébria de oposição. A imagem é o ser que se diferencia para estar certo de vir a ser. E é com a imaginação literária

que essa diferenciação fica imediatamente nítida. Uma imagem literária destrói as imagens preguiçosas da percepção. A imaginação literária desimagina para melhor reimaginar.

Então, *tudo fica positivo*. O lento não é o rápido freado. O lento imaginado também quer o seu excesso. O lento é imaginado num *exagero* da lentidão, e o ser imaginante usufrui não a lentidão, mas o exagero da desaceleração. Vejam como os seus olhos brilham, leiam no seu rosto a alegria fulgurante de imaginar a lentidão, a alegria de desacelerar o tempo, de impor ao tempo um futuro de suavidade, de silêncio, de quietude. O lento recebe assim, a seu modo, o signo do *demais*, próprio timbre do imaginário. Basta encontrar a massa que substancializa essa lentidão desejada, essa lentidão sonhada, para exagerar-lhe ainda mais a moleza. O operário, poeta de mão modelante, trabalha docemente essa matéria da elasticidade preguiçosa até o momento em que nela descobre essa atividade extraordinária de fina ligação, essa alegria muito íntima dos pequeninos fios de matéria. Poucas são as crianças que não tenham brincado com essa viscosidade entre o polegar e o indicador. De tais alegrias substanciais, daremos mais adiante muitas provas. Só queremos, por ora, enquadrar todos os exageros materiais entre esses dois pólos de exageros que são o *duro demais* e o *mole demais*. Esses pólos não são fixos, porquanto deles partem forças de provocação. As forças da mão operária reagem a elas e de ambos os lados empreendem estender o nosso imperialismo sobre a matéria.

A imaginação quer sempre comandar. Ela não poderia se submeter ao ser das coisas. Se aceita as suas primeiras imagens, é para modificá-las, exagerá-las. Veremos isso melhor quando estudarmos as transcendências ativas da moleza. Quão precioso é para a nossa tese este pensamento de Tristan Tzara (*Minuits pour Géant*, XVIII): "Ele preferia amassar uma rajada de vento a se entregar à moleza."

Grosso modo, e para preparar dialéticas mais sutis, pode-se dizer que a agressividade que o *duro* excita é uma agressividade *reta*, ao passo que a hostilidade surda do *mole* é uma agressividade *curva*. O mineralogista Romé de l'Isle escrevia: "A linha reta é particularmente reservada ao reino mineral. [...] No reino vegetal, encontra-se ainda a linha reta com bastante freqüência, mas sempre acompanhada pela linha curva. Enfim, nas substâncias animais

[...] a linha curva é a dominante."[3] A imaginação humana é um reino novo, o reino que totaliza todos os princípios de imagens em ação nos três reinos mineral, vegetal, animal. Graças às imagens, o homem é apto para terminar a geometria interna, a geometria verdadeiramente material de todas as substâncias. Pela imaginação, o homem se dá a ilusão de excitar as potências formadoras de todas as matérias: ele mobiliza a flecha do duro e a bola do mole — aguça a mineralidade hostil do duro e amadurece o fruto redondo do mole. De qualquer modo, as imagens materiais — as imagens que nós fazemos da matéria — são eminentemente ativas. Não se fala muito disso; mas elas nos sustentam assim que começamos a confiar na energia de nossas mãos.

V

Se a dialética do *duro* e do *mole* classifica com tanta facilidade as solicitações que nos vêm da matéria e que decidem *da vontade* de trabalho, devemos poder verificar, nas preferências pelas imagens do duro e pelas imagens do mole — assim como na complacência por certos estados mesomorfos — inúmeras deduções da caracterologia. Por certo, o caráter é, em grande parte, uma produção do meio humano; sua psicanálise prende-se sobretudo ao meio familiar[4]. É na família, nos grupos sociais mais fechados que vemos desenvolver-se a psicologia social do *contra*. Sob muitos aspectos, pode-se mesmo definir o caráter como um sistema de defesa do indivíduo contra a sociedade, como um processo de oposição a uma sociedade. Uma psicologia do *contra* deveria portanto estudar sobretudo os conflitos do ego e do superego.

Mas pretendemos trazer apenas uma contribuição muito limitada a tão vasto problema. O caráter se confirma nas horas de solidão tão favoráveis às proezas imaginárias. Essas horas de total solidão são automaticamente horas de universo. O ser humano, que abandona os homens e vai até o fundo de seus devaneios, olha *en-*

3. Cf. Hegel, *Philosophie de la nature*, trad. fr., Vera, t. I, p. 568. Um geômetra (Tobias Dantzig, *A la recherche de l'absolu*, trad. fr., p. 206) opõe à "severa linha reta" a "suavidade redonda do círculo". Não se compreenderia bem esses valores morais se se esquecesse o papel da imaginação dinâmica.

4. Cf. Lacan, "Les complexes familiaux dans la formation de l'individu" (*Encyclopédie Française*, t. VIII: Sur la vie mentale).

fim as coisas. Devolvido assim à natureza, o homem é devolvido às suas potências transformadoras, à sua função de transformação material, mas somente se ele vai à solidão não como a um retiro longe dos homens, mas com as próprias forças do trabalho. Um dos maiores atrativos do romance *Robinson Crusoé* é ser a narrativa de uma vida *laboriosa*, de uma vida *industriosa*. Na solidão ativa, o homem quer cavar a terra, furar a pedra, talhar a madeira. Quer trabalhar a matéria, transformar a matéria. Então o homem não é mais um simples filósofo *diante do universo*, é uma força infatigável *contra* o universo, *contra* a substância das coisas.

Dumézil[5], resumindo um trabalho de Benveniste e Renou, diz que o adversário do deus indo-iraniano da vitória é "antes um neutro ('A resistência') do que um masculino, antes um conceito inanimado do que um demônio, [...] (o combate) é essencialmente aquele do deus assaltante, ofensivo, móvel [...] e de 'algo' resistente, pesado, passivo". Assim, o *mundo resistente* não tem de imediato direito à personalidade; é preciso que ele seja provocado pelos deuses do trabalho para sair da lentidão anônima. Dumézil lembra o deus-carpinteiro Tvastar que tem, como "filhos", as suas obras. A "criação" é, portanto, apreendida em seu sentido polivalente. Sua imagem está gasta, e também encoberta por muita abstração. Mas, no trabalho efetivo, recobra um valor que irradia nos mais diversos campos. No trabalho, o homem satisfaz uma potência de criação que se multiplica por numerosas metáforas.

Quando uma matéria sempre nova em sua resistência impede-o de tornar-se maquinal, o trabalho de nossas mãos restitui a nosso corpo, a nossas energias, a nossas expressões, às próprias palavras de nossa linguagem, forças originais. Através do trabalho da matéria, nosso caráter adere de novo a nosso temperamento. De fato, as proezas sociais tendem, no mais das vezes, a criar em nós *um caráter oposto ao nosso temperamento*. O caráter é, então, o *grupo das compensações* que devem encobrir todas as fraquezas do temperamento. Quando as compensações são muito mal feitas, muito mal associadas, a psicanálise deve entrar em cena. Mas quantas desarmonias lhe escapam, pelo simples fato de ela só se ocupar praticamente com instâncias sociais do caráter! A psicanálise, nascida em meio burguês, negligencia muito amiúde o aspecto realista, o aspecto materialista da vontade humana. O trabalho sobre os objetos, contra a matéria, é uma espécie de psicanálise natural. Oferece chances de cura rápida porque a matéria não nos permite enganarmo-nos sobre nossas próprias forças.

5. Dumézil, *Mythes et dieux des germains*, p. 97.

De qualquer forma, à margem da realidade social, antes mesmo que as matérias sejam designadas pelos ofícios instaurados na sociedade, precisamos considerar as realidades materiais verdadeiramente primordiais, tais como nos são oferecidas pela natureza, como convites para exercer as nossas forças. Somente então, remontamos às funções dinâmicas das mãos, longe, profundamente, no inconsciente da energia humana, antes dos recalques da razão prudente. A imaginação é então cortante ou ligante, separa ou solda. Basta dar a uma criança substâncias bastante variadas para ver se apresentarem as potências dialéticas do trabalho manual. Cumpre conhecer essas forças primordiais nos músculos de trabalho para avaliar em seguida sua economia nas obras refletidas.

Aqui fazemos, pois, uma escolha que vai limitar estreitamente o campo de nossas pesquisas. Entre o homem chefe de clã e o homem mestre de forjas, escolhemos o mestre operário, aquele que participa do combate contra as substâncias. A vontade de poder inspirada pela dominação social não é nosso problema. Quem quiser estudar *A vontade de poder* é fatalmente obrigado a examinar primeiro os signos da majestade. Ao fazer isso, o filósofo da vontade de poder entrega-se ao hipnotismo das aparências; é seduzido pela paranóia das utopias sociais. A *vontade de trabalho* que queremos estudar nesta obra nos desembaraça imediatamente dos ouropéis da majestade, ultrapassa necessariamente o campo dos signos e das aparências, o campo das formas.

Claro, a vontade de trabalho não pode ser delegada, não pode usufruir o trabalho dos outros. Prefere fazer a mandar fazer. Então o trabalho cria as imagens de suas forças, anima o trabalhador por meio das imagens materiais. O trabalho põe o trabalhador no centro de um universo e não mais no centro de uma sociedade. E se o trabalhador precisa, para ser vigoroso, das imagens *excessivas*, é da paranóia do demiurgo que vai tirá-las. O demiurgo do vulcanismo e o demiurgo do netunismo — a terra flamejante ou a terra molhada — oferecem seus excessos contrários à imaginação que trabalha o duro e àquela que trabalha o mole. O ferreiro e o oleiro comandam dois mundos diferentes. Pela própria matéria de seu tra-

balho, na proeza de suas forças, eles têm visões de universo, as visões contemporâneas de uma Criação. O trabalho é — no próprio fundo das substâncias — uma Gênese. Recria imaginativamente, mediante as imagens materiais que o animam, a própria matéria que se opõe a seus esforços. O *homo faber* em seu trabalho da matéria não se contenta com um pensamento geométrico de ajustamento; desfruta a *solidez* íntima dos materiais básicos; desfruta a *maleabilidade* de todas as matérias que deve vergar. E toda essa fruição já se encontra nas imagens prévias que encorajam ao trabalho. Ela não é um simples *atestado de bom rendimento* que segue um trabalho efetuado. A imagem material é um dos fatores do trabalho; é o futuro muito próximo, o futuro materialmente prefigurado, de cada uma de nossas ações sobre a matéria. Pelas imagens do trabalho da matéria, o operário aprecia tão sutilmente as qualidades materiais, participa tanto dos valores materiais, que se pode bem dizer que os conhece geneticamente, como se prestasse testemunho de sua fidelidade às matérias elementares.

VI

Já a sensação tátil que *esquadrinha* a substância, que descobre, sob as formas e as cores, a matéria, prepara a ilusão de tocar *o fundo da matéria*. De imediato a imaginação material nos abre os porões da substância, nos entrega riquezas desconhecidas. Uma imagem material dinamicamente vivida, apaixonadamente adotada, pacientemente esquadrinhada, é uma *abertura* em todos os sentidos do termo, no sentido real, no sentido figurado. Garante a realidade psicológica do figurado, do imaginário. A imagem material é uma superação do ser imediato, um aprofundamento do ser superficial. E esse aprofundamento abre uma dupla perspectiva: para a intimidade do sujeito atuante e no interior substancial do objeto inerte encontrado pela percepção. Então, no trabalho da matéria, inverte-se essa dupla perspectiva; as intimidades do sujeito e do objeto se trocam entre si; nasce assim na alma do trabalhador um ritmo salutar de introversão e de extroversão. Mas se concentrarmos realmente nossa energia num objeto, se lhe *impusermos*, apesar de sua resistência, uma forma, a introversão e a extroversão não são simples direções, simples indicadores designando dois tipos opostos da vida psíquica. São tipos de energia. Essas energias

desenvolvem-se ao se trocarem. O ser que trabalha vive necessariamente a sucessão do esforço e do sucesso imediatos. Enquanto na adversidade humana todo fracasso, por menor que seja, *desencoraja* o introvertido, na adversidade objetiva a resistência excita o operário, na medida mesmo em que seu orgulho de perícia marca-o de uma introversão. No trabalho, uma forte introversão é o penhor de enérgica extroversão. Aliás, uma matéria bem escolhida, conferindo ao ritmo de introversão e de extroversão a sua verdadeira mobilidade, proporciona um meio de ritmanálise, no sentido em que Pinheiro dos Santos emprega esse termo[6]. No trabalho — no trabalho com seus sonhos certos, com os sonhos que não fogem ao trabalho — essa mobilidade não é nem gratuita, nem vã; está situada entre as dialéticas extremas do duro demais e do mole demais, no ponto apropriado para as *forças favoráveis* do trabalhador. É a propósito dessas forças, no arrebatamento psíquico geral dessas forças aplicadas com perícia, que o ser se realiza como imaginação dinâmica. Então conhecemos a um só tempo a imaginação amarrada e a imaginação penetrante. É preciso estar ocioso para falar da imaginação vadia.

Por certo, a imaginação só *penetra* nas profundezas totalmente imaginárias; mas o desejo de penetrar é indicado por suas imagens; tira das imagens de penetração material uma dinâmica que o especifica, dinâmica feita de prudência e de decisão. A psicanálise clássica terá interesse em estudar de perto essas imagens de penetração que acompanham a ação sobre diversas matérias, em estudá-las *por elas mesmas*, sem se precipitar, como faz com muita freqüência, na sua interpretação. Então a imaginação não mais será tachada de simples potência de substituição. Aparecerá como uma necessidade de imagens, como um instinto de imagens que acompanha, com toda a normalidade, instintos mais rústicos, mais grosseiros — por exemplo, instintos tão *lentos* como os instintos sexuais[7]. A constante oportunidade da imaginação que se renova e se multiplica nas imagens materiais diversas não deixará de aparecer se estudarmos as imagens mais ativas, as da penetração material. Veremos então a utilidade psicológica de uma aproximação

6. Cf. Bachelard, *La dialectique de la durée*, cap. VIII.

7. Seguindo o lento amadurecimento dos desejos, vemos bem que a *conquista* é lenta. É a *derrota* que é breve. O desejo lentamente formado se desfaz num instante.

da vontade de penetração às imagens que *encorajam* a penetração efetiva. Essa aproximação nos colocará no âmago da reciprocidade em que as imagens se tornam "pulsionais" e em que os impulsos podem *aumentar* a sua satisfação mediante as imagens. O ato e sua imagem, eis um mais-que-ser, uma existência dinâmica que recalca a existência estática tão nitidamente que a passividade não é mais que um nada. Definitivamente, a imagem nos estimula, nos aumenta; nos dá o devir do aumento de si.

Assim, para nós, a imaginação é o próprio centro de onde partem as duas direções de toda ambivalência: a extroversão e a introversão. E se seguirmos as imagens em seus pormenores, perceberemos que os valores estéticos e morais conferidos às imagens *especializam* as ambivalências. As imagens efetuam sagazmente, com uma astúcia essencial — mostrando e escondendo — as espessas vontades que lutam no fundo do ser. Por exemplo, numa imagem visual acarinhada pode-se descobrir essa escoptofilia assinalada por certos psicanalistas (cf. Lacan, *loc. cit.*), na qual se reúnem as duas tendências de *ver* e de *mostrar*. E também, quantas imagens plenas de ostentação que não passam de máscaras! Mas, naturalmente, as imagens materiais são mais engajadas. Representam precisamente o engajamento dinâmico. Quando se chega às intimidades da matéria, a agressividade franca ou ardilosa, reta ou oblíqua, fica carregada dos valores contrários da força e da destreza, encontrando na experiência da força todas as certezas extrovertidas, na consciência da destreza todas as convicções introvertidas. A obra e o operário se determinam mutuamente nisso, verdade decerto banal, mas que se multiplica em tão numerosos matizes que serão precisas longas pesquisas para especificá-la.

Vamos dar, no capítulo seguinte, um primeiro esboço, um pimeiro pretexto dessa determinação mútua, apresentando primeiro algumas observações sobre a vontade incisiva, sobre a vontade de talhar e de entalhar, fazendo depois uma rápida incursão no trabalho real das matérias para chamar a atenção sobre o caráter dinâmico das ferramentas, consideradas com muita freqüência em seu mero aspecto formal. Teremos assim um primeiro esboço da *dupla perspectiva* que já indicamos e que será definida primeiro por uma espécie de pesquisa psicanalítica e, em seguida, por uma reflexão sobre as condições dinâmicas dos primeiros êxitos do trabalho das matérias.

CAPÍTULO II

A VONTADE INCISIVA E AS MATÉRIAS DURAS. O CARÁTER AGRESSIVO DAS FERRAMENTAS

> Tens um coração para a esperança e mãos para o trabalho.
>
> O. V. DE L. MILOSZ, *Miguel Mañara*

I

Que um objeto inerte, que um objeto duro dê ocasião não só a uma rivalidade imediata, mas também a uma luta renitente, ardilosa, renovada, eis uma observação que sempre poderemos fazer se dermos uma ferramenta a uma criança solitária. A ferramenta terá imediatamente um complemento de destruição, um coeficiente de agressão contra a matéria. Virão em seguida tarefas felizes sobre uma matéria dominada, mas a primeira superioridade aparece como uma consciência de ponta ou de cinzel, como a consciência de torção tão viva no cabo de uma verruma. A ferramenta desperta a necessidade de agir *contra* uma coisa dura.

De mão vazia, as coisas são fortes demais. A força humana então se reserva. Os olhos em paz vêem as coisas, delineiam-nas sobre um fundo de universo, e a filosofia — ofício dos olhos — toma a consciência de espetáculo. O filósofo coloca um não-eu *defronte* do eu. A resistência do mundo é apenas uma metáfora, não é muito mais do que uma "obscuridade", do que uma irracionalidade. A palavra *contra* só tem então um aspecto de topologia: o re-